



uma existência atravessada pela vida

silvana tótora

Este texto baseia-se no documentário produzido e dirigido por Marcos Prado, exibido nos cinemas em 2004, sobre uma mulher pobre, negra e resistente à classificação que envelheceu trabalhando no lixão. Segundo relato do diretor, ele acompanhou a protagonista do filme durante quatro anos, seu dia-a-dia no Aterro Sanitário de Jardim Gramacho¹, seu convívio com os filhos, netos e amigos que vivem do lixo, registrando inúmeras de suas falas, algumas de seus filhos e situações vividas.

O texto proposto foi motivado pela temática da velhice como vivência singular. O problema que orienta essa reflexão é o da potência da velhice, persistindo na ideia da afirmação da diferença. O documentário *Estamira* desestabiliza e afronta os valores de uma velhice normalizada pela tal da *qualidade de vida* que se exprime nos enunciados discursivos atuais. Nele assistimos, com os pelos eriçados, irrupções da aberrante não conformidade da velhice e da loucura.

Silvana Tótora é pesquisadora no NEAMP (Núcleo de Estudos de Mídia e Política - PUC/SP), professora do Departamento de Política e dos programas de Pós-Graduação em Gerontologia e em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).



O documentário, como toda obra artística, é uma produção editada sob a perspectiva criadora de seu diretor. O texto que se segue também é uma edição em que opto por privilegiar a fala e algumas imagens e situações registradas pelas lentes da câmera referentes ao cotidiano vivido pela protagonista. E, tal como na montagem do documentário, não construo uma narrativa cronológica ou descritiva. Ora privilegio uma cena, ora uma ideia que atravessa várias cenas. Trata-se de um novo plano ou corte traçado sobre um plano ou corte montagem que é o do documentário.

Em relação ao filme-documentário, a montagem de Marcos Prado sobrepõe os planos visuais e sonoros. A lente produz situações visuais imperceptíveis e de tal modo insuportáveis que excedem a nossa percepção comum. E, também, as imagens criam cenas integralmente sonoras provocando a desconexão dos personagens e suas falas, bem como rompendo com uma sucessão temporal. Opera-se, apropriando-se de uma contribuição de Deleuze, uma “ruptura do vínculo sensorio-motor”² lançando a percepção para fora do sensível observável e atingindo novos espaços e tempos. O tempo deixa de medir o movimento da ação e não obedece a um curso cronológico³. As alternâncias de imagens em preto e branco e coloridas imprimem um ritmo descontínuo às cenas. A música (trilha sonora original de Décio Rocha), os ruídos da chuva, do vento e do fogo produzem cortes e interrupções na sequência das cenas. Aliás, os elementos da natureza – fogo, ar, água e terra – são protagonistas da narrativa. A natureza e a dimensão da cultura compõem as cenas constituindo uma relação tensa e conflituosa, contudo, inseparáveis.

Nas imagens, o diretor confere especial destaque para o fogo que, em algumas cenas, ocupa toda a tela. A combustão do lixo alimenta o fogo que não se extingue, dando às coisas



Uma existência atravessada pela vida

seu caráter mutável. Na linguagem filosófica de Heráclito, a natureza (*physis*) é Fogo, um perpétuo fluir das coisas, um devir, inseparável da conflitualidade e da luta de contrários. Trata-se da imanência do caos que persiste em tudo o que vive. Eis a dimensão trágica do mundo que se alimenta do caos e não pode se livrar dele sem extinguir a vida.

Não se pode viver sem o caos, mas é preciso uma arte para afrontá-lo sem se destruir. Para experimentar algo forte demais é necessário ser artista de sua própria existência. A velhice pode nos aproximar dessa sabedoria que, longe de se pautar por um saber, está mais próxima da ideia deleuziana do *aprender*, aqui entendido por um aprendizado das forças. A saber, de aprender a compor ou conjugar as forças do próprio corpo com a imensidão das forças da Terra.⁴ Trata-se de um devir-velho – um devir que acata a mutabilidade sem se apegar, que é pródigo em criar para além de si mesmo – e não de uma velhice cronológica, como mera extensão no tempo vivido.

Uma existência minoritária

Estamira, a protagonista do documentário, nos provoca para pensarmos as potências da vida fora dos modelos e das modulações aceitas, aquelas das quais se fartam as opiniões correntes sobre o que seria uma vida saudável: sem doenças, sem sofrimento, sem dor. Sem Caos. Mas, sobretudo, ela nos lança para fora do *slogan* repetido à exaustão na atualidade, da qualidade de vida que, além de uma concepção de saúde como harmonização biopsicossocial, impõe aos sujeitos uma exigência de movimento contínuo entendido como deslocamentos, exercícios físicos, lazer, em suma, um tempo extenso cheio de ocupações.



“Viver intensamente”, conforme difundido nos meios de comunicação, seria consumir todos os produtos que nos são oferecidos pela indústria do entretenimento, da saúde e da beleza. Para isso, uma velhice com base na ideia dominante da qualidade de vida exigiria alto rendimento financeiro para desfrutar das benesses desta sociedade de consumo. E mais, sejam velhos, sejam jovens ou adultos, todos aspiram à segurança, ao conforto e à posse de bens.

Estamira é desprovida das qualidades valorizadas em nossa sociedade: beleza, juventude, riqueza. Desafortunada por ser mulher, “carne velha”, negra e pobre, ela ainda carrega os estigmas sociais cunhados por médicos e religiosos, a saber: possuída pelo demônio ou portadora de um quadro psicótico crônico.

Cortar tais identificações a fim de liberar uma experiência trágica da vida, particularmente da velhice e da loucura, é o percurso que nos propomos enfrentar com base no filme-documentário de Marcos Prado. A vida de Estamira nos põe diante da “experiência limite”⁵, ou seja, aquela que se lança para a vida, despojando-se do modelo bem sucedido de identidade. Nosso interesse no documentário em foco é, sobretudo, o percurso singular de vida, aquele que extrai das adversidades uma força vital que nos faz persistir na existência, e mais, que a busca da longevidade não seja apenas prolongar o tempo de vida.

Logo no início, Estamira se põe inteira na cena banhando-se. O corpo, o riso e a água compõem uma delicada dança sob as lentes da câmera. Num grande close em sua face negra e enrugada, ela se apresenta. “Eu sou Estamira”. “Eu não sou comum”. “A minha missão, a de ser Estamira, é revelar a verdade”. “Capturar a mentira”.



verve

Uma existência atravessada pela vida

Em suas palavras, sagrado é seu barraco, o lugar de seu descanso e onde ela é feliz. Seus amigos que, como ela, são velhos, pobres e negros, retiram seus sustentos do lixão, mas, diferentemente dela, eles não têm um barraco próprio, mas dormem ao relento na companhia dos seus cães.

Seu habitat: seu corpo e o mundo, tal como eles são.

Seu sustento: o trabalho no lixão.

Sua ética: não gosta de quem “ofende cor e formosura”, “bonito é o que fez e o que faz”; “feio é o que fez e o que faz”.

Seu mundo: o fora de todo o mundo, o que é sempre distinto do mundo, mas que persiste nele.⁶

Vida nas bordas, “eu sou beira do mundo”. Sem lugar, “todo lá e todo cá”.

Estamira não acusa a Vida, nem a Terra, mas o Deus transcendente. Ele, o “trocadilo”, como diz, “é a nossa maior mentira”. Esse Deus “inimigo, traidor (...) seduziu os homens, para jogá-los no abismo”. Por renegá-lo, ela “já apanhou até de pau”, mas ela “não [o] aceita nem a carne picadinha”. Ora, diria Nietzsche, livrando-se do fiador da identidade, podemos nos liberar para a invenção de novos possíveis.

Em sua oração, às avessas, Estamira não agradece, mas acusa; não tem medo, blasfema. Ela inclui em seu ataque não somente Deus, mas a “quadrilha dos poderosos que o inventaram” para enganar os homens e torná-los submissos, fazendo-os parecer livres em vez de escravos. Com essa atitude, ela foge do modelo do pobre passivo e resignado com a sua sorte. Esta última traduz o conformismo, que não deixa de ser uma forma de ressentimento contra a vida



e a procura, em algo transcendente, de um sentido para o sofrimento. Aos resignados, Estamira lança um grito irado:

“Quem fez o que a quadrilha dele manda, largou de morrer?”

“Largou de passar fome?”.

Afetada pela vida social, Estamira denuncia as desigualdades e a exploração da miséria. Ao olhar para os trabalhadores do lixão, afirma não ver homens, mas escravos. “Trabalhar, sim”, diz ela, “para alimentar o corpo, mas não sacrificar”. E conclui, com base nestas condições sociais, “o homem como o único condicional”, porém esclarece que o “homem é condicional par” e a “mulher é condicional ímpar”. Trata-se de diferenciar e não de criar uma desigualdade de gênero, pois defende o “comunismo como igualdade” em que o “homem [entendido como ser genérico] é posicional”.

Estamira se distingue tanto de um conformismo quanto de um ressentimento. Seus inimigos, ela os identifica muito bem: são os poderosos, “a canalha de exploradores”, o “trocadilo”. Por isso o seu “Sim” à vida vem precedido de um grande “Não”.

Estamira é pobre, sim, mas não infeliz, aprendeu a digerir o sofrimento como se digere os alimentos, não os transforma em marcas de ressentimento contra a vida. Ela afirma o sentido da terra e de tudo o que existe. Faz dos restos, do lixo, dos destroços de uma sociedade de descarte o “melhor lugar para se viver”. Não os recicla, porque se recusa a inserir-se no circuito econômico de produção e consumo. Por isso está fora da sociedade de controle⁷, pois do lixo faz poesia, se alimenta, faz amigos, produz encontros.



Uma existência atravessada pela vida

Livre de uma identidade conhecida e aceita pode comportar livremente com as forças da natureza que atravessam o mundo: o fogo, o ar, a água e a terra. Numa de suas falas afirma sua mistura com os elementos naturais que a circundam. “Sou muitas”, diz ela, “posso muitos sobrenomes”. Num jogo com o seu próprio nome, ela se multiplica fazendo *devenir*⁸ com a força de tudo que existe:

Estamira

Estamar

Estaserra

Potências da loucura e da velhice

Não se torna louco ou velho, e mais, louco e velho, sem se abrir para uma experiência do trágico. Refiro-me ao sentido que Nietzsche imprimiu ao termo trágico, ou seja, o encontro com algo forte demais que não deixa intacta nenhuma identidade de um sujeito. Capturar a loucura no quadro de doença mental ou a velhice como fase cronológica da vida sob estrito registro da saúde biológica, com vista a uma “vida ativa”, vem se constituindo uma forma de expulsar do vivível e vivido a experiência do trágico. Essa experiência ficou confinada às vivências singulares e aos artistas: escritores, pintores, músicos... São estas, no meu entender, as vidas interessantes que valem um registro. Fora isto, são casos ou extensão de tempo vivido computáveis pelas ciências da saúde em quadros estatísticos.

A loucura, quando referida a um caso clínico de doença mental, mobiliza uma gama de explicações que vão



desde a herança familiar até as condições de vida social. A mãe de Estamira, segundo sua filha, sofria da mesma perturbação mental. Este relato vem acompanhado de imagens de asilos de confinamento da loucura, onde os corpos vagam, como autômatos, impregnados de medicação. Estamira também foi vítima de maus tratos de seu companheiro.

Estamira padece de um tipo de sofrimento físico provocado pelo excesso de medicação para tratamento de seu estado psicótico. Em uma cena, ela se contorce sentada em uma cadeira, acometida de espasmos corporais que expressam fortes dores, traduzidas pelo olhar e movimentos das mãos. Ao lado, a lente da câmera incide sobre uma montanha de caixas de remédios. Os médicos, segundo ela, se restringem a repetir o receituário e seguir o protocolo geral de tratamento da loucura como doença mental.

Estamira tem delírios e alucinações que não são redutíveis a uma doença, mas são um caso de saúde, porque invocam “uma raça bastarda e oprimida que não pára de agitar-se sob as dominações de resistir a tudo o que a esmaga e aprisiona...”. Estamira acusa os poderosos, os médicos, a escola e a todos que ela nomeia de os “copiadores”, ou seja, incapazes de criar, aqueles que só sabem reproduzir os modelos daquilo que já se sabe, isso é, dos protocolos e valores estabelecidos.

Mas a saúde enquanto possibilidade de vida difere das fórmulas copiadas. A loucura e a velhice não são uma doença, mas uma possibilidade de vida ou uma *grande saúde*, no sentido que lhe dá Nietzsche¹⁰, aquela que não se perde, nem se ganha, mas se inventa a cada momento no embate com as potências da vida, em que enfrentar a dor, a doença



e o sofrimento nos dão a prova de nossa força. Pois, dirá Nietzsche em sua autobiografia: tudo que não nos mata nos fortalece¹¹.

Portadora de uma grande saúde, Estamira afirma sua lucidez delirante: “Eu sou beira do mundo”, “sou a visão de cada um”. E a câmera mira suas lentes para um vôo solitário de um urubu sobre o azul do infinito. Imponente. Logo, uma multidão deles preenche toda a cena. Ah, como é preciso aprender a planar com essas aves! Quanta arte existe nesses seres voadores! Mergulham sem se despedaçarem, mantêm-se nas alturas sem se perder totalmente. O chão, os restos, as coisas descartadas são seu alimento e vida.

Estamira ora se identifica com estas aves, ora as denomina de espíritos que habitam a terra juntamente com aqueles invisíveis que são os homens já desencarnados, mas que continuam perto da gente. “Nascer é ficar visível”. “Quando a gente desencarna, a gente fica em formato transparente, como um pássaro voando”. É tudo muito simples na cabeça da poetiza da vida Estamira. A vida é um aprender a voar, planar, mergulhar, tornar-se visível ou invisível. E a morte sobrevoa a vida. Não há porque se desesperar.

Estamira brinca com a língua, altera as grafias consideradas corretas, desfigura as palavras em sons e ruídos, ela transforma a linguagem numa língua estrangeira a todas as outras. Inventa palavras, ignora as regras da gramática, utiliza verbos no infinitivo que não se conjugam, enfim, a língua sofre de um desvario que não mais comunica. Trata-se de uma fala poética, ou de uma experiência limite como já dito. Não é para este povo que ela fala, pois este somente entende a fala que comunica o que é comum, medíocre, estúpido... Como tudo que é grande demais, logo se



transforma para o povo comum em um caso de patologia tratável com medicamentos ou internação, ou quiçá, para os crentes, de um exorcismo.

Estamira, como ela às vezes se refere, sofre de uma perturbação de lucidez. “Eu fico pensando como sou lúcida”. “Sou a visão de cada um”. Estamira na carne, “ela sente tudinho”. Sua fala, aparentemente desconexa, afronta os discursos considerados razoáveis no padrão da normalidade. Estamira libera a potência da loucura que carrega o humano quando fora dos parâmetros que a transforma em caso de doença mental.¹² Estamira torna-se, por isso, insuportável.

Vida nas bordas que transborda

As cenas finais misturam a trilha musical com os ruídos da natureza, intensificando os seus elementos. Homens vagam no lixão como fantasmas. O horizonte se torna de um vermelho intenso que transforma os caminhantes em sombras. E a voz de Estamira ecoa ameaçadora.

“A terra é indefesa. Minha carne, o sangue é indefeso como a terra. Mas eu, a minha aura, não é indefesa não. Se queimar o espaço todinho, eu estou no meio invisível. Se queimar meu sentimento, minha carne, meu sangue, se for para o bem, pela lucidez de todos os seres, pode ser agora, nesse segundo. Eu agradeço, ainda”.

Um corte na cena. Imagem em preto e branco. Estamira caminha solitária em direção ao mar. Ela entra na água e brinca com a onda que a derruba. Ela afoga e se assusta, mas não desiste. Persiste na tentativa de vencer as ondas, que se tornam mais fortes e maiores. Um aprendizado: não enfrentar a força das ondas de frente, num combate



Uma existência atravessada pela vida

desigual em que poderá se destruir. Um experimento prático, compor o corpo da onda do mar com o seu próprio corpo. Daí brotam o riso e a alegria de quem aprendeu a compor com as forças incomensuráveis da vida.

Cena final: o mar revolto, com suas ondas imensas e Estamira com um riso de criança gesticula e conversa com ele. E se entendem.

Vida nas bordas que transborda.

Notas

¹ Esse local recebe diariamente mais de oito mil toneladas de lixo da cidade do Rio de Janeiro.

² Gilles Deleuze. *A imagem-tempo*. Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo, Brasiliense, 2005, p. 289.

³ Cf. Gilles Deleuze, 2005, op. cit.

⁴ Referimo-nos aqui ao conceito nietzscheano de “sentido da terra” para se distinguir de qualquer pensamento da transcendência ou metafísico. Cumpre frisar que nos distanciamos dos enunciados discursivos da atualidade pautado no binômio segurança do planeta e qualidade de vida que integram o conceito de *ecopolítica*. Cf. Edson Passetti. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo, Cortez Editora, 2003.

⁵ Cf. Maurice Blanchot. “A experiência limite” in *A conversa infinita*, vol. 2, São Paulo, Escuta, 2007.

⁶ Apropriamo-nos aqui de uma ideia de Maurice Blanchot, *O espaço literário*, São Paulo, Rocco, 1987, p. 229.

⁷ Cf. Gilles Deleuze. “*Post scriptum* sobre as sociedades de controle”. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1998.

⁸ Devir, segundo Deleuze, é fazer fugir a forma para encontrar uma zona de vizinhança em que as intensidades circulam.

⁹ Gilles Deleuze. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editora 34, 1997, p. 15.



¹⁰ Cf. Friedrich Nietzsche. *Gaia Ciência*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa, Guimarães Editores, 1996, § 382, pp. 282-284.

¹¹ Cf. Friedrich Nietzsche. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

¹² Cf. Michel Foucault. *História da Loucura*. Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo, Editora Perspectiva, 1999.

Resumo

Com base no documentário Estamira este texto explora as potências da loucura e da velhice. Destacamos um modo singular de vida que escapa dos padrões de uma sociedade de controle, a qual se apóia no consumo de bens e valores apregoados pela máquina publicitária e tecnologias médicas de investimento sobre o corpo, com vistas a garantir a denominada “qualidade de vida” ou uma “velhice ativa”.

Palavras-chaves: velhice, loucura, vida singular.

Abstract

Based on the documentary Estamira, this text explores the powers of madness and old age. This article highlights a singular way of life that escapes the standards of a society of control, which relies on the consumption of goods and values proclaimed by the publicity machine and medical technology of investment over the body, in order to guarantee the so-called “quality of life” or an “active aging”.

Keywords: old age, madness, singular life.

Recebido para publicação em 11 de março de 2012. Confirmado em 04 de abril de 2012.